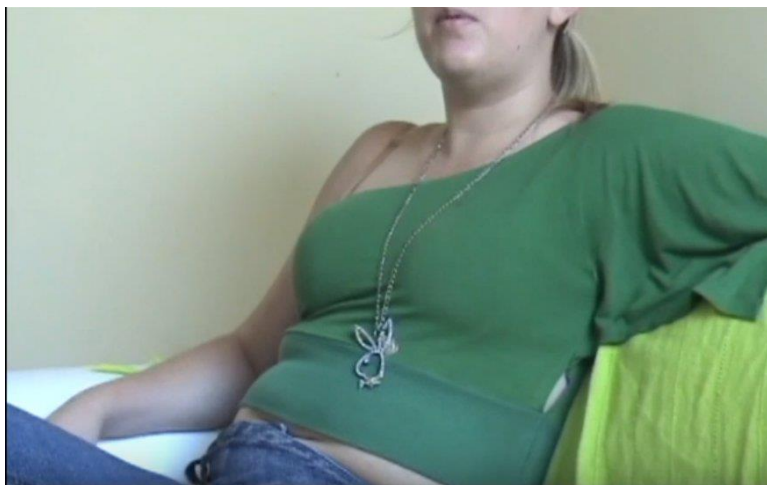


## Prostituição e mundo do trabalho

Análise crítica do filme “Garota de Programa” (2013)

Raquel Araújo Fagundes



O presente trabalho visa fazer uma análise crítica sobre o vídeo “Garota de Programa (2013)” disponível no site *youtube.com* produzido por alunos da disciplina de sociologia do trabalho. O objetivo deste texto será discorrer sobre o trabalho na sociedade capitalista, falar sobre o histórico da prostituição no Brasil. Trazer brevemente uma discussão sobre o machismo e como ele serve a este modo de produção e depois trazer elementos para pensar esta forma de objetificação do corpo através de falas da entrevistada.

Durante a entrevista a garota com 20 anos de idade diz ter iniciado na profissão como garota de programa aos 19, quando foi abordada na rua por uma dona de uma boate e a convidou para conhecer como funcionava. Ela começa relatando a precariedade do trabalho dentro das boates, onde sujeita seu corpo a e sua mente a situações degradantes,

onde as mulheres são obrigadas a beber para que o local consiga obter lucro a partir da venda dessas bebidas, além de toda humilhação que estão sujeitas a passar.

Em um certo momento a entrevistada fala sobre sua rotina, onde sua vida pessoal e familiar acaba sendo anulada pois deve estar sempre disponível para um programa, desde as 20h até mais ou menos 5h da manhã, uma jornada exaustiva de trabalho. Outro ponto importante a ser analisado é quando ela menciona o sistema de multas existentes dentro das boates, onde as meninas são obrigadas a pagarem cem reais se atrasarem dois minutos ou se esquecer um copo sujo, algo muito rígido que expressa como essas mulheres estão completamente à mercê de seus empregadores, sem nenhum direito garantido por lei, já que não há regulamentação nenhuma para este tipo de trabalho. Outro exemplo que expressa isto é o caso da cafetina que lucra mais de 40% do total do valor do programa que ela apenas agencia.

Quando a profissional do sexo trabalha de forma autônoma, não se pode dizer que o trabalho dela foi explorado por outra pessoa que se apropriou do lucro excedente daquele serviço. Porém quando este trabalho está subordinado a alguém responsável por agenciar seja através de catálogos, sites, aplicativos, etc., fica nítido a apropriação de um valor referente a uma parte do que a trabalhadora do sexo conseguiu lucrar com seu corpo.

Outro fato importante é que essas mulheres não têm segurança nenhuma no trabalho, o estado não oferece suporte e elas acabam recorrendo ao mundo do crime para resolver alguns casos onde por exemplo o cliente não quer pagar pelo serviço oferecido.

Na sociedade capitalista, a burguesia explora o trabalho do proletariado ao qual só resta essa forma de sobrevivência dado o fato de não possuir meios de produção. O trabalhador é uma simples mercadoria dentro do processo de produção de mais-valia. Essa lógica também se aplica ao trabalho sexual, que é estigmatizado e moralmente criticado. A trabalhadora do sexo que vende seu serviço agenciada por terceiros está sendo tão explorada como um trabalhador que possui um emprego em uma fábrica qualquer.

Com o avanço das tecnologias fica cada vez mais fácil este tipo de exploração. No mundo da prostituição por exemplo, existem sites e até mesmo aplicativos que agenciam mulheres para prestação deste tipo de serviço que ficam com uma parte do lucro arrecadado, o que pode ser considerado um processo de extração de mais-valia.

No Brasil a prostituição surge no período colonial, onde as escravas e índias eram levadas para satisfazer sexualmente os homens da coroa. Existiam também as prostitutas que frequentavam jantares de luxo como acompanhantes. As oportunidades de emprego para as mulheres eram poucas e muitas possuíam baixo poder aquisitivo e a prostituição passava a ser uma alternativa para a subsistência dessas mulheres. (SANTANA, 2013).

Em 1808, com a urbanização e modernização das capitais a prostituição começa a se expandir. Depois com o desenvolvimento das indústrias e modernização do país a atividade se expande cada vez mais, onde são criados os cabarés luxuosos, inspirados nos bordéis franceses e se localizam em áreas centrais. (SANTANA, 2013).

Já no século XX se inicia um processo de higienização dos centros urbanos e os locais destinados a este tipo de atividade é realocado para áreas periféricas, pois acreditavam que as prostitutas eram responsáveis pela disseminação de doenças.

A prostituição é conhecida popularmente como a profissão mais antiga do mundo, porém em cada momento histórico ela adquire um caráter diferente. Após a revolução industrial a desigualdade de gênero afeta nas condições desiguais de trabalho e se prostituir passa a ser uma opção para obtenção de melhores condições de vida. (CECARELLI, 2008). Atualmente, com o advento das novas tecnologias podemos encontrar esse tipo de serviço sendo oferecido em sites, aplicativos, catálogos na internet. O que possibilita novas formas de exploração desse trabalho.

Se faz necessário um debate acerca do machismo na sociedade contemporânea e como o capitalismo reafirma a desigualdade entre homens e mulheres, onde o sexo feminino é inferiorizado.

A sociedade é machista e patriarcal, isto quer dizer que o poder está com o homem por ser considerado mais forte, o provedor da família, enquanto a mulher cabe o papel de subordinada ao marido, responsável pelos serviços domésticos, sendo reservado o espaço privado, por ser considerada frágil e incapaz de realizar qualquer atividade que seja socialmente atribuída ao homem. (SAFFIOTI, 1997).

Essa desigualdade entre os gêneros beneficia quem detém o poder econômico e político, que se aproveita do machismo já existente para lucrar cada vez mais, pagando menos para uma mulher que exerce a mesma função de um homem dentro de uma empresa, por exemplo. As mulheres que trabalham com esse tipo de prestação de serviços

estão muito suscetíveis a passar por situações extremas de machismo, até mesmo serem mortas fazendo programa, como a entrevistada menciona.

É importante enfatizar o caráter de mercadoria que essas meninas são colocadas, como ela mesma menciona durante a entrevista, onde é dito que o homem aluga seu corpo por um valor “x” durante algumas horas, ou dias e tudo é negociável. Mercadoria é tudo o que se produz para o mercado, para venda, sendo que no capitalismo há uma mercantilização da vida humana, onde até mesmo o ser humano é uma mercadoria dentro do processo de produção.

O corpo pode ser considerado uma mercadoria, pois é trocado por dinheiro, que é um meio de troca que só pode ser entendido como tal por ter algo em comum com a mercadoria pela qual está sendo trocado. O que torna o corpo uma mercadoria no contexto da prostituição é justamente poder ser trocado como qualquer outra mercadoria onde o dinheiro é o padrão de igualdade entre elas.

Este tipo de trabalho faz com que seja fácil manipular esses homens para conseguir cada vez mais dinheiro, pois atende uma demanda muito pessoal e subjetiva, carências naturais de qualquer ser humano, como prazer, carência de carinho e atenção.

Podemos concluir que a trabalhadora do sexo está imersa nas formas mais brutais de emprego no capitalismo, é uma mercadoria viva que não detém nenhum direito assegurado para exercer sua profissão e conseguir se manter.

## REFERÊNCIAS

CECCARELLI, Paulo Roberto. **Prostituição-Corpo como mercadoria**. *Mente & cérebro-sexo*, v. 4, n. 1, p. 1-14, 2008.

MARX, Karl. **O Capital**. Vol. 2. 3ª edição, São Paulo, Nova Cultural, 1988.

SAFFIOTI, H. I. B. **O poder do macho**. Editora Moderna. São Paulo, SP, 1997.

SANTANA, Maísa Aguiar et al. **Prostituição feminina: uma análise a partir das categorias trabalho e gênero**. 2013.

KONDER, Leandro. Mercadoria. \_\_\_\_\_. **Marx-vida e obra**. São Paulo: Paz e, 1999.